

L I V R O S

A livreria de Chagas vale pelo estado das espécies, que é ótimo, sendo poucos os livros picados da traça ou babados da humidade, e pelo numero das espécies raras. Certo é não se encontrar ali tudo o que saí dos prelos estrangeiros sobre Portugal ou coisas portuguesas, ou ainda de portugueses.

Assim, por exemplo, tendo as obras de Zacuto, de Amato Lusitano, faltam-lhe as Opera omnia de Francisco Sanchez e os Dialogi di amore de Leão Hebreu.

Mas, em compensação, abunda em autores ingleses, e esses livros de viagens, admiravelmente ilustrados, que os catalogos maggs Brothers anunciam a altos preços, éle os reuniu ostentando boas e características encadernações. Por vezes, da mesma espécie encontram-se dois e três exemplos, adquiridos já com esta norma do bibliófilo: tornar rarissimo o livro raro.

Tradução de autores portugueses, os mais remotos no tempo, viagens em que houvessem referências a Portugal, enciclopédias que dessem a sua quota a Portugal, estudos parciais, éle os julgava com direito na sua colectanea e nela figuram. João Chagas acabára por ter o doce frenesim do coleccionador, e os seus ócios, as suas preocupações á margem da diplomacia, não eram outras senão enriquecer a sua estante. Para isso estava em relação com todos os livreiros do mundo e ia vasculhar nas mil e uma livrerias de Paris. Alguns dos seus achados são surpreendentes e inéditas revelações de bibliografia sobre Portugal.

Por todas estas circunstancias, o Estado tem a obrigação de ponderar qual o destino a deixar seguir a esta preciosa e unica colecção.



A imitação na literatura

L'esprit d'imitation a produit
les beaux-arts.

J. J. Rousseau.

PARA bem saber escrever é preciso aprender a imitar. A imitação é um exercício muito seguido pelos clássicos. E' uma questão vital para a formação do estilo. Mas ela não deve consistir unicamente em arranjar frases, como se remendam uns sapatos velhos, introduzindo-lhes epítetos novos, nem tão pouco em transpôr com habilidade qualquer trecho. Isso lança apenas poeira aos olhos dos ignorantes. La Fontaine, que foi um imitador de génio, deu-nos em belos versos uma boa lição:

Mon imitation n'est point un esclavage,
Je ne prends que l'idée et les tours et les lois
Que nos maîtres suivaient eux-mêmes autre-fois.

Servil, mata o talento; bem compreendida, aumenta-o, robustece-o.

Imitar um autor é estudar os seus processos de estilo, a originalidade das suas expressões, as suas imagens, o próprio movimento, a própria natureza do seu génio e da sua sensibilidade. E' apropriar-se do que éle tem de belo, traduzindo-o de outra forma. Imitar um prosador ou um poeta é penetrar o seu pensamento e transmiti-lo com liberdade; é formar o seu espirito, a sua linguagem, os seus hábitos de conceber, de imaginar, de compôr por um modelo com o qual tem analogia; é estudar a sua harmonia, o seu ritmo. Imitar não é de modo algum plagiar. Plagiar, para Stendhal Bayle, é roubar sem gosto e discernimento.

Anatole France, que faz na *Vie Littéraire* a apologia do plágio, afirma que, quando um escritor toma dos outros o que lhe é conveniente e aproveitável, é um homem honrado. Plagiar é reproduzir as formas ou expressões dum outro escritor. Imitar não é nada disso.

A imitação é perigosa para aqueles que imitam os contemporâneos que estão *na moda*, porque, tendo as mesmas ideias que os seus autores favoritos, adoptam instinctivamente os mesmos processos de linguagem, impedem de operar com a sua própria inteligência e fazem dar ao pensamento uma veste emprestada. Um povo que ateia o seu génio, trajando apenas por figurinos estrangeiros, é um povo que abdica do seu character nacional.

Os futuristas pretendem rejeitar toda a espécie de imitação, gerar o original; e, por isso, mascaram os seus escritos com as maiores excêntridades linguísticas.

A boa imitação é uma contínua invenção, diz Laveaux. Todos os escritores têm-na praticado, desde Vergílio a Camões.

Henri Heine escreveu que nas letras como na vida toda a gente tem um pai.

Os Romanos fascinaram-se pela arte dos Gregos e os séculos XI, XVI e XVII seduziram-se pela beleza da Antiguidade.

Gil Vicente, na sua primeira fase, seguiu João del Encina; Bernardim Ribeiro é vergiliano no seu bucolismo; Cristovão Falcão imitou Bernardim; Sá de Miranda imitou Garcilaso de la Vega; Antonio Ferreira, Horácio; Camões imitou Vergílio e Petrarca. O próprio autor da Épopéia teve muitos imitadores. Os épicos Jerónimo Côrte Real, Francisco Sá de Meneses e Bento Teixeira Pinto (na Prosopopeia) são reflexos da grande alma do cantor

das nossas glórias. Rodrigues Lobo teve influência camoneana no lirismo; Correia Garção imita também Horácio; António Denis da Cruz e Silva molda o seu *Hissope* pelo *Lutrin* de Boileau; Herculano fortifica o seu génio nos romances de Scott e nas cartas de Thierry. Éle próprio, crendo no poder da imitação, aconselhava caldos de Vieira tomados quotidianamente a todos que desejassem consagrar-se ás letras. Guerra Junqueiro recebeu influência directa de Oliveira Martins quando escreveu a *Pátria*. Eça, injustamente acusado de plagiador por alguns críticos, procedeu semelhantemente a muitos astros da Literatura, procurando materiais e bebendo inspiração em livros vários, da mesma maneira como fazia Goethe, quando tinha sêde de informação¹.

Monís Barreto, crítico e psicólogo, chega a afirmar que Oliveira Martins fez o seu estilo no de Taine. As pretensões á originalidade são apenas motivo para evitar as leituras e os estudos. O valor de cada um está em continuar o que os outros fizeram e não constituir-se um inovador original. Nutrir-se com as obras que os outros deixaram, dilatá-las, ampliá-las, aumentá-las e transformá-las com a chama ardente do seu temperamento — eis o papel do artista. Há de afirmar-se sempre com Flaubert que o talento se transmite por infusão.

JOSÉ GUERREIRO MURTA.

Inedito. Capítulo do livro
Como se aprende a redigir,
a aparecer brevemente.

¹ Já depois de escrito o presente capítulo appareceu um livro do sr. Cláudio de Basto, que veio provar que Eça de Queirós não plagiou, no sentido desprimoroso desta palavra.